PSICANÁLISE

ID, EGO E SUPEREGO

Na teoria psicanalítica, o **id, o ego e o superego** são três agentes distintos e interativos no **aparelho psíquico**, definidos no modelo estrutural da psique de Sigmund Freud. Os três agentes são **construtos teóricos** que Freud empregou para descrever a estrutura básica da vida mental como foi encontrada na prática psicanalítica. O próprio Freud usou os termos alemães *das **Es**, **Ich** e **Über-Ich***, que se traduzem literalmente como **"o isso", "eu" e "sobre-eu".** Os termos latinos **id, ego e superego** foram escolhidos por seus tradutores originais e permaneceram em uso.

No modelo de psicologia do ego da psique, o **id** é o conjunto de desejos instintivos descoordenados; o **superego** desempenha o papel crítico e moralizador; e o **ego** é o agente organizado e realista que medeia entre os desejos instintivos do id e o superego crítico;[1] Freud comparou o ego (em sua relação com o id) a um homem a cavalo: o cavaleiro deve aproveitar e direcionar a energia superior de sua montaria e, às vezes, permitir uma satisfação praticável de seus impulsos. O ego tem, portanto, "o hábito de transformar a vontade do id em ação, como se fosse sua".[2]

Freud introduziu o modelo estrutural (**id, ego, superego**) no ensaio ***Além do Princípio do Prazer* (1920)** em resposta à ambigüidade não estruturada e aos usos conflitantes do termo "mente inconsciente". Ele elaborou, refinou e formalizou esse modelo no ensaio *O Ego e o Id* (1923).[3]

Tradução dos termos

Os termos "id", "ego" e "superego" não são de Freud; eles são latinizações de seu tradutor James Strachey. O próprio Freud escreveu sobre "*das Es*",[4] "*das Ich*"[5] e "*das Über-Ich*"[6] - respectivamente, "o Isso", "o Eu" e "o Sobre-Eu". Assim, para o leitor alemão, os termos originais de Freud são, até certo ponto, autoexplicativos. O termo "*das Es*" foi originalmente usado por Georg Groddeck,

um médico cujas idéias não convencionais eram de interesse para Freud (os tradutores de Groddeck traduzem o termo em inglês como "the It").[7] A palavra *ego* é tirada diretamente do latim, onde é o nominativo do pronome pessoal da primeira pessoa do singular e é traduzida como "eu mesmo" para expressar ênfase. Figuras como Bruno Bettelheim criticaram a maneira como "as traduções para o inglês impediram os esforços dos alunos para obter uma verdadeira compreensão de Freud"[8] ao substituir a linguagem formalizada do código elaborado pelo imediatismo cotidiano da própria linguagem de Freud.

Aparelho psíquico

Id

Freud concebeu o id como a fonte inconsciente de necessidades e desejos corporais, impulsos e desejos emocionais, especialmente a agressão e o impulso sexual.[9] O id age de acordo com o princípio do prazer - a força psíquica orientada para a gratificação imediata do impulso e do desejo.[10]

Freud descreveu o id como "a parte escura e inacessível de nossa personalidade". A compreensão do id é limitada à análise de sonhos e sintomas neuróticos, e só pode ser descrita em termos de seu contraste com o ego. Não tem organização nem vontade coletiva: preocupa-se apenas com a satisfação dos impulsos de acordo com o princípio do prazer.[11] É alheio à razão e às presunções da vida consciente comum: "impulsos contrários existem lado a lado, sem se anularem. . . Não há nada no id que possa ser comparado com a negação. . . nada no id que corresponda à ideia de tempo.[12] O id "não conhece julgamentos de valor: nem bem e mal, nem moralidade. ... Catexias instintivas em busca de descarga - isso, em nossa opinião, é tudo o que há no id.[13]

Em termos de desenvolvimento, o id precede o ego. O id consiste nos impulsos instintivos básicos que estão presentes no nascimento, inerentes à organização somática e governados apenas pelo princípio do prazer.[14] [15] O aparelho psíquico começa como um id indiferenciado, parte do qual então se desenvolve em um "ego" estruturado, um conceito de self que leva em conta o princípio da realidade.

Freud descreve o id como "o grande reservatório da libido",[16] a energia do desejo, geralmente concebida como de natureza sexual, os instintos de vida que

estão constantemente buscando uma renovação da vida. Mais tarde, ele também postulou uma pulsão de morte, que busca "levar a vida orgânica de volta ao estado inanimado".[17] Para Freud, "o instinto de morte pareceria assim se expressar - embora provavelmente apenas em parte - como um *instinto de destruição* dirigido contra o mundo externo e outros organismos" [18] por meio da agressão. Uma vez que o id inclui todos os impulsos instintivos, o instinto destrutivo, assim como eros ou os instintos de vida, é considerado parte do id.[19]

Ego

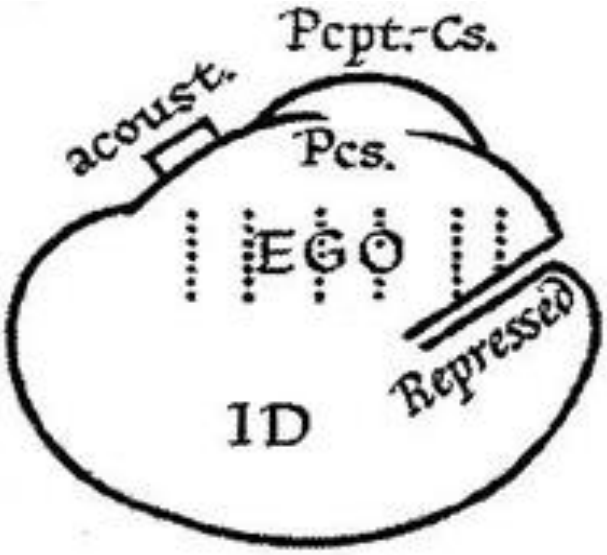
O ego age de acordo com o princípio da realidade. Como os impulsos do id são freqüentemente incompatíveis com a realidade social, o ego tenta direcionar sua energia e satisfazer suas demandas de acordo com os imperativos dessa realidade.[20] De acordo com Freud, o ego, em seu papel de mediador entre o id e a realidade, é frequentemente "obrigado a encobrir os comandos (inconscientes) do id com suas próprias racionalizações pré-conscientes, a ocultar os conflitos do id com a realidade, a professar ... estar percebendo a realidade, mesmo quando o id permaneceu rígido e inflexível.[21]

Originalmente, Freud usou a palavra ego para significar o senso de si mesmo, mas depois a expandiu para incluir funções psíquicas como julgamento, tolerância, teste de realidade, controle, planejamento, defesa, síntese de informações, funcionamento intelectual e memória. O ego é o princípio organizador sobre o qual se baseiam os pensamentos e interpretações do mundo.[22]

De acordo com Freud, "o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo. ... O ego representa o que pode ser chamado de razão e bom senso, em contraste com o id, que contém as paixões. é como um cabo de guerra... com a diferença de que no cabo de guerra as equipes lutam umas contra as outras em igualdade, enquanto o ego é contra o 'id' muito mais forte."[23] De fato, o ego é obrigado a servir "três mestres severos ... o mundo externo, o superego e o id."[21] Ele procura encontrar um equilíbrio entre os impulsos primitivos do id, as limitações impostas pela realidade e as restrições do superego. Preocupa-se com a autopreservação: esforça-se para manter os desejos do id dentro de limites, adaptados à realidade e submissos ao superego.

Assim, "impulsionado pelo id, confinado pelo superego, repelido pela realidade", o ego luta para trazer harmonia entre as forças concorrentes. Consequentemente, pode facilmente estar sujeito a "ansiedade realista em relação ao mundo externo, ansiedade moral em relação ao superego e ansiedade neurótica em relação à força das paixões no id".[24] O ego pode querer servir ao id, tentando encobrir os detalhes mais sutis da realidade para minimizar os conflitos, enquanto finge ter consideração pela realidade. Mas o superego está constantemente observando cada um dos movimentos do ego e o pune com sentimentos de culpa, ansiedade e inferioridade.

Para superar isso, o ego emprega mecanismos de defesa. Os mecanismos de defesa reduzem a tensão e a ansiedade, disfarçando ou transformando os impulsos que são percebidos como ameaçadores.[25] Negação, deslocamento, intelectualização, fantasia, compensação, projeção, racionalização, formação de reação, regressão, repressão e sublimação foram os mecanismos de defesa identificados por Freud. Sua filha Anna Freud identificou os conceitos de desfazer, supressão, dissociação, idealização, identificação, introjeção, inversão, somatização, divisão e substituição.



"O ego não está nitidamente separado do id; sua parte inferior se funde com ele.... Mas o reprimido também se funde com o id e é apenas uma parte dele. O reprimido só é cortado nitidamente do ego pelas resistências da repressão; Ele pode se comunicar com o ego através do id." (Sigmund Freud, 1923)

Em um diagrama dos Modelos Estruturais e Topográficos da Mente, o ego é descrito como sendo metade no consciente, um quarto no pré-consciente e o outro quarto no inconsciente.

Superego

O superego reflete a internalização das regras culturais, principalmente como absorvidas dos pais, mas também de outras figuras de autoridade, e do ethos cultural geral.[10] Freud desenvolveu seu conceito de superego a partir de uma combinação anterior do ideal do ego e da "agência psíquica especial que realiza a tarefa de ver que a satisfação narcísica do ideal do ego é garantida ... o que chamamos de nossa 'consciência'."[26] Para ele, o superego pode ser descrito como "um exemplo bem-sucedido de identificação com a agência parental" e, à medida que o desenvolvimento prossegue, também absorve a influência daqueles que "assumiram o lugar dos pais - educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais".

Assim, o superego de uma criança é de fato construído sobre o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que o preenchem são os mesmos e ele se torna o veículo da tradição e de todos os julgamentos de valor resistentes ao tempo que se propagaram dessa maneira de geração em geração.[27]

O superego visa a perfeição.[25] É a parte da estrutura da personalidade, principalmente, mas não totalmente, inconsciente, que inclui os ideais do ego do indivíduo, objetivos espirituais e a agência psíquica, comumente chamada de "consciência", que critica e proíbe a expressão de impulsos, fantasias, sentimentos e ações. Assim, o superego trabalha em contradição com o id. É um mecanismo internalizado que opera para confinar o ego a um comportamento socialmente aceitável, enquanto o id busca apenas a autogratificação instantânea.[28]

O superego e o ego são o produto de dois fatores-chave: o estado de desamparo da criança e o complexo de Édipo.[29] No caso do menino, ele se forma durante a dissolução do complexo de Édipo, por meio de um processo de identificação com a figura paterna, após a falha em manter a posse da mãe como objeto de amor

por medo da castração. Freud descreveu o superego e sua relação com a figura paterna e o complexo de Édipo assim:

O superego retém o caráter do pai, enquanto quanto mais poderoso era o complexo de Édipo e quanto mais rapidamente sucumbia à repressão (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da escolaridade e da leitura), mais estrita será a dominação do superego sobre o ego mais tarde - na forma de consciência ou talvez de um sentimento inconsciente de culpa.[30]

Em *O Ego e o Id*, Freud apresenta "o caráter geral de dureza e crueldade exibido pelo ideal [do ego] - seu ditatorial *Tu farás*". Quanto mais cedo no desenvolvimento da criança, maior a estimativa do poder dos pais.

. . . nem se deve esquecer que uma criança tem uma estimativa diferente de seus pais em diferentes períodos de sua vida. No momento em que o complexo de Édipo dá lugar ao superego, eles são algo bastante magnífico; mas depois, eles perdem muito disso. As identificações também surgem com esses pais posteriores e, de fato, eles regularmente fazem contribuições importantes para a formação do caráter; mas, nesse caso, eles afetam apenas o ego, eles não influenciam mais o superego, que foi determinado pelas primeiras imagens parentais.

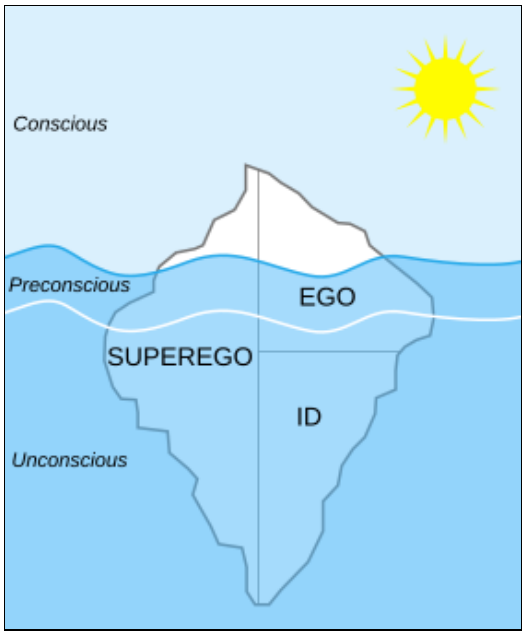
- *Novas Palestras Introdutórias sobre Psicanálise, p. 64.*

Assim, quando a criança está em rivalidade com a imago dos pais, ela sente o ditatorial *Tu farás* - o poder manifesto que a imago representa - em quatro níveis: (i) o auto-erótico, (ii) o narcisista, (iii) o anal e (iv) o fálico.[32] Esses diferentes níveis de desenvolvimento mental e suas relações com imagos parentais correspondem a formas específicas de agressão e afeto.[33]

O conceito de superego e o complexo de Édipo estão sujeitos a críticas por seu sexismo percebido. As mulheres, que são consideradas já castradas, não se identificam com o pai e, portanto, para Freud, "seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que seja nos homens ... eles são frequentemente mais influenciados em seus julgamentos por sentimentos de afeto ou hostilidade.[34] No entanto, Freud passou a modificar sua posição no sentido de "que a maioria dos homens também está muito atrás do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos,

como resultado de sua identidade humana, combinam em si características masculinas e femininas, também conhecidas como características humanas".[35]

Vantagens do modelo estrutural



A metáfora do iceberg é frequentemente usada para explicar as partes da psique em relação umas às outras.

Em seu "modelo topográfico" anterior, Freud dividiu a psique em três "regiões" ou "sistemas": **"o Consciente",** aquilo que está presente à consciência no nível superficial da psique em um determinado momento, incluindo informações e estímulos de fontes internas e externas; **"o Pré-consciente",** consistindo de material que é meramente latente, não presente à consciência, mas capaz de se tornar assim; e **"o Inconsciente",** consistindo em ideias e impulsos que se tornam completamente inacessíveis à consciência pelo ato de repressão. Ao introduzir o modelo estrutural, Freud estava procurando reduzir sua dependência do termo "inconsciente" em seu sentido sistemático e topográfico - como a região mental que é estranha ao ego - substituindo-o pelo conceito de 'id'.[36] A partição da psique delineada no modelo estrutural é, portanto, aquela que atravessa a partição do modelo topográfico de "consciente versus inconsciente".

Freud favoreceu o modelo estrutural por causa do maior grau de precisão e diversificação que ele permitia. Embora o id seja inconsciente por definição, o ego e o superego são parcialmente conscientes e parcialmente inconscientes.

Com o novo modelo, Freud sentiu que havia alcançado um sistema de classificação mais eficaz para transtornos mentais do que estava disponível anteriormente:

As neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; neuroses narcísicas, para um conflito entre o ego e o superego; e psicoses, para um entre o ego e o mundo externo.[37]

As três entidades recém-apresentadas, no entanto, permaneceram intimamente ligadas às suas concepções anteriores, incluindo aquelas que tinham nomes diferentes - o inconsciente sistemático para o id e o ideal consciência / ego para o superego.[38] Freud nunca abandonou a divisão topográfica de consciente, pré-consciente e inconsciente, embora tenha notado que "as três qualidades da consciência e as três províncias do aparelho mental não se juntam em três casais pacíficos ... não tínhamos o direito de esperar tal arranjo suave.[39]

A metáfora do iceberg é uma metáfora visual comumente usada que descreve a relação entre as agências do ego, id e superego (modelo estrutural) e os sistemas psíquicos conscientes e inconscientes (modelo topográfico). Na metáfora do iceberg, todo o id e parte do superego e do ego estão submersos na parte subaquática que representa a região inconsciente da psique. As porções restantes do ego e do superego são exibidas acima da água na região consciente.[9]

Texto extraído de:
https://en.wikipedia.org/wiki/Id,_ego_and_superego#Further_reading